

# Revista *piauí*: a paródia como proposta de ressignificação do gênero jornalístico reportagem

**Lilian Reichert Coelho\***

## **Resumo**

*Neste texto, aborda-se o gênero reportagem tal como praticado pela revista impressa brasileira piauí. A leitura aqui proposta orienta-se pela hipótese segundo a qual a referida revista ressignifica o subgênero reportagem de turismo, sobretudo pelo recurso à paródia, compreendida de acordo com a proposta de Mikhail Bakhtin, de cuja obra também se toma a noção de gênero, marcada pela instabilidade, a fim de problematizar o esforço normativo vigente nas categorizações que prevalecem no ambiente teórico do jornalismo. Com isso, argumenta-se que a publicação dialoga diretamente com as regras de gênero instituídas, mas se posiciona discursivamente como antítese das convenções, o que caracteriza a paródia bakhtiniana. Assim, considera-se que, no projeto de ressignificação da reportagem de turismo, a revista piauí estabelece, também, profícuos diálogos com as propostas do Novo Jornalismo.*

**Palavras-chave:** *Jornalismo impresso. Reportagem. Paródia. Revista piauí. Bakhtin.*



O sempiterno debate sobre gêneros jornalísticos é intenso, profícuo e necessário, mas, muitas vezes, perde em profundidade por não considerar a riqueza e a pluralidade dos produtos, que também poderiam ser apreciados e avaliados de modo idiossincrático, isto é, pelos atributos, configurações e objetivos particulares. É corrente a prática teórica de definir os gêneros jornalísticos de um ponto de vista substancialista e é evidente a pertinência de tais classificações para fins didático-pedagógicos. Na prática contemporânea, entretanto, percebe-se o florescimento de iniciativas encaminhadas muito mais contra moldes engessantes, voltadas para a produção de materiais jornalísticos híbridos que não se encaixam facilmente nas nomenclaturas oferecidas por tais classificações. Nesse sentido, o percurso empreendido neste texto dirige-se pelo argumento contrário ao esforço taxonômico típico da teoria. Para isso, o olhar circunscreve-se à revista brasileira *piauí*, mais especificamente ao subgênero reportagem de turismo<sup>1</sup>. Dentre estas, optou-se pelo estudo da reportagem intitulada “Phaic Tan: um assalto aos sentidos”. A revista impressa *piauí* foi lançada em outubro de 2006<sup>2</sup>, tem periodicidade mensal, é marcada pela ausência de editorias fixas, alta rotatividade de colaboradores e por apresentar, nos textos, inegáveis traços de técnicas literárias aplicadas a regras jornalísticas de redação e edição.

Sondagem informal nos produtos jornalísticos contemporâneos de diversas textualidades pode revelar a incorporação de mecanismos críticos e autorreflexivos oriundos de gêneros literários praticados ao longo do século XX e por diferentes produções culturais e artísticas. No jornalismo, tais recursos são empregados, muitas vezes, de modo gratuito, mas, em algumas publicações, o matiz metalinguístico constitui o traço mais marcante, provocando, inevitavelmente, abalos significativos nas concepções usuais dos gêneros jornalísticos, marcadas por nítido esforço conservador e diferencial.

Do ponto de vista adotado neste trabalho, considera-se que a revista *piauí* constitui exemplo dos mais profícuos para a observação de mecanismos de ressignificação das características dos gêneros jornalísticos, ainda mais porque, nesse campo, esforços normativos e taxonômicos são recorrentes. A supracitada publicação caracteriza-se, no plano editorial, pela diversidade temática e por incursões nas técnicas de apuração e redação, típicas do chamado “Novo Jornalismo”. Exemplos destas últimas

1 Vale pontuar que tais matérias foram traduzidas e publicadas pela *piauí*, com base em produções estrangeiras. De qualquer modo, neste trabalho, considera-se que, pelo fato de ter publicado, a revista assume como seu o discurso dos enunciadores que inicialmente construíram e divulgaram o material.

2 “A revista tem a tiragem mensal de 60 mil exemplares. A primeira edição vendeu entre 37 e 38 mil, impulsionada pelo fator novidade. Depois, ficamos na margem dos 24, 25 mil. Antes de lançarmos, a previsão era de 12 mil exemplares. Logo, estamos com o dobro. E temos 10 mil assinantes. Um número bem expressivo, mais do que a *Trip* e mais do que a *Bravo*. Nosso horizonte é chegar aos 50 mil exemplares vendidos, o que deve levar ainda uns dois, três anos” (Entrevista concedida por João Moreira Salles, editor de *piauí*, a Marcelo Tavela, em 16 de maio de 2007).

são as reportagens estrangeiras traduzidas para o português e publicadas em *piauí*<sup>3</sup>, orientadas pela problematização do gênero reportagem<sup>4</sup> e construídas pelo recurso à paródia. Crê-se que tal crítica parodística às normas estabelecidas e “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1992, p. 279) questiona e esgarça a substancialidade típica dos esquemas cristalizados de gênero pela teoria e pela prática jornalísticas convencionais. No entanto, para além das restrições internas, específicas de cada gênero, não se pode desprezar o fato de que

entre o processo da produção e o da interpretação dos enunciados na comunicação jornalística, há o espaço do trabalho de mediação da esfera jornalística, que ‘regulamenta’ as diferentes interações nesse espaço, ‘filtra’, ‘interpreta’ (impõe um acento de valor) e põe em evidência os fatos, acontecimentos, saberes, opiniões etc. que farão parte do universo temático-discursivo jornalístico. (RODRIGUES, 2005, p. 170-171)

É justamente contra tais regulamentações, filtragens e interpretações da mídia convencional que *piauí* se insurge, praticando algumas modalidades experimentais de jornalismo. Para isso, neste texto se debruça sobre uma das referidas práticas: a paródia, concentrando-se nas “falsas” reportagens de turismo. Evidentemente, a revista compartilha traços reconhecidos como jornalísticos, quais sejam: a comunicação é estabelecida de modo mediado (não ocorre, portanto, na modalidade presencial face a face), pautado pela distância física e pela ausência de intimidade entre as instâncias enunciativa e enunciatária<sup>5</sup>; periodicidade (mensal, no caso); assimetria nas relações entre as instâncias comunicativas; “contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2006) bem definido; manutenção de “regularidades” (VERÓN, 1980). Entre estas últimas, localizam-se os gêneros jornalísticos.

No entanto, a publicação propõe-se a romper com as normas já estabelecidas pelo jornalismo tal como tradicionalmente praticado, rasurando-o. Com isso, revela-se a instabilidade dos gêneros afins à leitura de Bakhtin, para quem estes se constituem como “formas mais ou menos estáveis” (FIORIN, 2009) de configuração de enunciados, que são pessoais, mas, para que haja comunicação, o conteúdo deve ser moldado

3 Tais matérias são publicadas sem periodicidade, em coerência com a proposta editorial da revista.

4 Lage (1999, p. 47) define reportagem como um tipo de texto jornalístico “[...] menos rígido do que a notícia: varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de um romance [...]; em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu em primeira pessoa.”

5 Sobre isso, embora centrado na reflexão sobre a linguagem verbal, Bakhtin (2003, p. 272) refere que “os gêneros da complexa comunicação cultural, na maioria dos casos, foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado. Tudo o que aqui dissemos refere-se, igualmente, *mutatis mutandis*, ao discurso escrito e lido”.

em conformidade com determinadas regras, partilhadas pelos interlocutores. Nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 282) salienta com veemência o *status* modelador dos gêneros, ao afirmar:

Falamos apenas através determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência. (Grifos do autor)

Dessa forma, é possível afirmar que algumas reportagens publicadas aleatoriamente (no que concerne à periodicidade) pela revista *piauí* assumem como referência o próprio gênero jornalístico, e não ocorrências pontuais (factuais ou não) no contexto sócio-histórico-cultural. Tanto é assim que tais reportagens constituem traduções de material estrangeiro; em que pese ao exposto, fazem sentido para o público brasileiro da revista, já que são matérias que problematizam questões de gênero e de um subgênero específico conhecido dos leitores: as reportagens de turismo.

Conforme mencionado, o mecanismo empregado por *piauí* com vista à crítica ao discurso jornalístico e a suas regras é constituído por uma das relações intertextuais possíveis: a paródia. No contexto deste trabalho, optou-se pela noção de paródia tal como desenvolvida por Bakhtin (1987), para quem o referido mecanismo constitui-se como “o discurso orientado para a fala de um outro” (cf. FIORIN, 2009). Nesse sentido, deve-se sublinhar o caráter dialógico da paródia, tanto quanto de qualquer ato enunciativo, que tem como resultado o enunciado, compreendido por Bakhtin (2003, p. 269) como “*unidade real da comunicação discursiva*” (Grifos do autor). Ainda conforme Bakhtin, “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. (2003, p. 274)

Assim concebida, a comunicação só se efetiva por meio de movimento discursivo marcado pela irrepetibilidade e pela contingência (FIORIN, 2009), ou seja, pela assunção da palavra por um sujeito, cuja intencionalidade<sup>6</sup> é materializada em enunciados, constituindo-se e orientando-se à resposta de outro, quer esta se concretize, quer se mantenha como virtualidade. Conforme explicita Orlandi (2002, p. 54), ancorada na

6 Denominada por Bakhtin (2003) ora como “intenção discursiva”, ora como “vontade discursiva”.

Análise do Discurso francesa, que tem no horizonte a concepção de dialogismo de Bakhtin:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva (fala-se também em *dialogismo*), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação a qual se constrói seu próprio discurso. (Grifo do editor)

Pelo exposto, observa-se que, na perspectiva interacionista de Bakhtin e em outras leituras do discurso que tomam as proposições do teórico russo como balizas, a resposta (“compreensão responsiva ativa”) é intrínseca a qualquer ato de linguagem, envolvendo, portanto, a bilateralidade. Em razão disso, a tomada da palavra é sempre compreendida como jogo entre intenção comunicativa e interpretação, calcado na possibilidade natural de “*alternância dos sujeitos do discurso*” (2003, p. 275, grifo do autor), pois “qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 131). A comunicação, portanto, deve ser entendida sempre como relação dialógica entre sujeitos objetivamente localizados, cujos modos de ser e de estar no mundo não são puros, mas constituídos fundamentalmente por discurso, isto é, “impregnados pela configuração social” (FIORIN, 2009). Assim, todo enunciado, como produto da enunciação, é dialógico, já que este constitui “o modo de funcionamento real da linguagem”, caracterizando-se como “lugar das contradições sociais”, já que é o *locus* onde a pluralidade – ao menos, a bivocalidade – de vozes existe concretamente em intensa batalha (FIORIN, 2009).

Uma das formas de explicitar o dialogismo, sobretudo na modalidade concretizada a partir de movimento polêmico<sup>7</sup>, é, justamente, a paródia. Assim, convém sublinhar que a paródia configura-se como relação antagonica entre textos – estabelecida pela referência direta e explícita a um texto precedente, isto é, a um referente de linguagem –, e não entre um enunciado e a realidade social.

Fiorin (2009) considera a paródia o caso mais interessante de discurso bivocal, marcado pela orientação discursiva divergente em relação ao texto “imitado, pois imita por ridicularização”. Como complemento, refere-se a Lima (2001, p. 500), para quem “o uso da palavra parodística é análogo ao uso irônico ou a qualquer uso ambivalente das palavras de um outro emissor, uma vez que também nesses casos as palavras da outra pessoa são empregadas de modo a transmitir projetos antagonicos”.

<sup>7</sup> A polêmica constitui uma das possibilidades de relacionamento entre enunciados. O caráter fundamental da polêmica reside na relação de contrariedade assumida por um enunciado frente a outro, anteriormente proferido e em circulação pelo ambiente discursivo social (FIORIN, 2009).

Na esteira das considerações mencionadas, é válido acentuar que a revista *piauí*, ao apresentar algumas reportagens como paródias, rompe uma das prerrogativas básicas do discurso jornalístico na modalidade informativa<sup>8</sup>, a saber: a formulação de enunciados objetivos (leia-se: verdadeiros), em estreito vínculo com a realidade social. Tal concepção sobre o jornalismo convoca a chamada “teoria do espelho”, segundo a qual é possível oferecer “um retrato [fiel] dos acontecimentos”. Uma compreensão desse calibre engendra a ideia de que “as notícias são como são porque a realidade assim determina” (TRAQUINA, 2005, p. 146-149). Embora a reportagem não seja orientada pela factualidade nem pelas rígidas restrições no que concerne à organização das informações e da narrativa noticiosa, ainda assim, constitui-se por evidente esforço objetivo de apresentar – de modo aprofundado e passível de comprovação – um aspecto da realidade social empírica. Sobre isso, assim se posiciona Motta ([s.d.], p. 9):

Entendemos que a narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. É um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor. É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, *realia* e poética. Transita entre premissas verossímeis (*eikós*) ou menos verossímeis (*éndoxon*), *logos* e *mythos*. (Grifos do autor)

A paródia jornalística apresentada pela revista *piauí* nas reportagens de turismo centra-se na exposição da polissemia e da pluralidade de interpretações da palavra, a depender da situação comunicativa, do gênero e da relação entre os interlocutores. Além disso, problematiza o gênero reportagem como um todo, denunciando o esforço normativo, engessante e cristalizador encetado pelas tipologias convencionais, se compreendidas e praticadas como fórmulas composicionais e estilísticas

8 Neste trabalho, a reflexão orienta-se pela leitura de reportagens, entendidas por classificações de gêneros construídas pelas teorias do jornalismo, ora como textos informativos (cf. MARQUES DE MELO, 1994), ora como textos analíticos e interpretativos (cf. BELTRÃO, 1976), principalmente no caso de reportagens de revista.

9 De acordo a leitura de Fiorin (2009) sobre a formulação de gênero de Bakhtin (2003), cada atividade gera tipos relativamente estáveis de enunciados, concebidos sempre como resultados oriundos do interior de determinada esfera prática. Tais tipos caracterizam-se, necessariamente, por: um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. O primeiro é definido como “todo o domínio de sentido de que se ocupa um gênero.” No caso da reportagem, pode-se apontar como conteúdo temático a narrativa de certo acontecimento ou traço social, ordenado pelo discurso jornalístico, marcada pelo aprofundamento e, muitas vezes, pela análise argumentativa. Por construção composicional, compreende-se “o modo de estruturar o texto” propriamente dito. A reportagem orienta-se por amplas liberdades no que diz respeito à organização estrutural do conteúdo, diferentemente da notícia. Quanto ao estilo, corresponde à “seleção de meios linguísticos (sintáticos e lexicais) [utilizados] para dizer algo.” Tal seleção deve ocorrer em razão de dois elementos: “imagem do interlocutor” e projeção da “compreensão responsiva ativa do interlocutor”.

dentro de certo universo temático<sup>9</sup>. A crítica realizada nas reportagens de turismo veiculadas pela *piauí* é construída exclusivamente por estratégias estilísticas experimentais e sua eficácia irônica é solidificada pela repetição temática e composicional dos textos parodiados. Observa-se que a paródia envolve todos os sistemas semióticos que compõem a reportagem impressa de *piauí: design* da informação, imagem fotográfica e texto verbal (notadamente no nome da editoria – que é flutuante –, nos títulos, nas legendas e no corpo do texto, evidentemente).

Todas as reportagens de turismo parodísticas foram publicadas por *piauí* sob a editoria não fixa intitulada *jetlag travel guide*. Com isso, a revista ridiculariza as reportagens de referência pelo uso pejorativo do termo já negativo *jetlag*, que significa o desconforto causado ao organismo humano por alterações bruscas de fuso horário (cf. LONGMAN DICTIONARY, 1997). A expressão encerra, pois, a carga semântica de confusão, o que, associado a *travel guide* (guia de viagem), engendra o sentido parodístico logo na abertura da seção. Além disso, o próprio título de uma das reportagens, “Phaic Tan: um assalto aos sentidos”, sugere negatividade, notadamente pelo termo “assalto”. Mas, ao mesmo tempo, repete as fórmulas geralmente empregadas na construção de títulos em revistas de viagem. Tal movimento reforça o caráter parodístico de *piauí*, visto constituir-se “ocorrência, num único enunciado, de duas orientações de significação” (LIMA, 2002, p. 494) em explícito conflito, pois o discurso parodiado é sempre passivo em relação ao texto parodiante. (FIORIN, 2009)

Quanto ao texto da reportagem, é intensamente marcado pelo tom humorístico, acentuado pela recorrência de expressões de dúvida e de carga semântica explicitamente negativa, associadas a elementos lexicais e fórmulas composicionais repetidas à exaustão em matérias do tipo parodiado. Tal mecanismo parece exemplo concreto de uma das preocupações centrais de Bakhtin, conforme Lima (2002, p. 490): verificar a possibilidade de “tipos heterogêneos de uso da palavra” serem “combinados dentro de um único contexto”. Tal heterogeneidade ocorre, no caso citado, justamente em virtude da imbricação entre as referidas fórmulas e o trabalho humorístico realizado pela paródia.

A fotografia é outro sistema semiótico utilizado com eficácia por *piauí* na reportagem sobre “Phaic Tan” porque também funciona de modo a parodiar as matérias referenciais sobre turismo. Estas, em geral, apresentam belas e estereotipadas imagens sobre os lugares que instigam os leitores a conhecer, acentuando-lhes o traço exótico. Mas, no caso de *piauí* (MINTZ; VAZ, 2007), são apresentadas fotografias de pessoas



cujas feições e atitudes não referendam apenas o exotismo, mas atestam pobreza e provocam repugnância (efeito de sentido construído pela exposição da magreza, de defeitos físicos, isto é, pelo aspecto destoante dos ideais de beleza estabelecidos) pelas figuras humanas.

Em que pese ao exposto, mais importante do que todo o mencionado até aqui para caracterizar as reportagens de *piauí* como paródias é o fato de que “Phaic Tan” consiste em um país imaginário, fictício, contrariando radicalmente os pressupostos básicos sobre os quais se assenta a atividade jornalística. Com isso, poder-se-ia questionar a própria validade de uma publicação como essa sob a rubrica de “jornalismo”, pois este exclui a possibilidade de ficção<sup>10</sup>. De fato, não fosse uma paródia bem engendrada em estreito vínculo com a memória discursiva (FIORIN, 2009) historicamente construída sobre reportagens de turismo, “Phaic Tan: um assalto aos sentidos” jamais poderia ser aceita como reportagem “verdadeiramente” jornalística. No entanto, conforme já apontado, o texto de *piauí* não traduz esforço de representar, ao modo objetivo, um referente empírico, mas se orienta pelo diálogo explícito com um gênero prévio e solidificado, cujo *status* de discurso pretende desnudar.

É comum algumas leituras sobre as propostas e práticas jornalísticas da revista *piauí* sustentarem-se pela associação de reportagens similares a “Phaic Tan: um assalto aos sentidos” como pastiches (MINTZ; VAZ, 2007). No entanto, as balizas teóricas deste trabalho permitem verificar que tais leituras desconsideram o traço caracterizador mais pertinente dos textos de *piauí* sob foco, a paródia, muitas vezes por compreendê-la, de modo equivocado, como procedimento intertextual restrito a práticas culturais e artísticas modernistas. Nesse sentido e para comprovar a leitura apresentada, julga-se necessário explicitar as diferenças entre as duas possibilidades de jogo intertextual. Nos dois casos, trata-se da apropriação das palavras de outrem que, ao serem “[...] introduzidas em nossa fala, assumem inevitavelmente uma nova significação própria, ou seja, tornam-se palavras de duas vozes. Só a inter-relação destas duas vozes pode variar” (LIMA, 2002, p. 500). No entanto, enquanto a paródia reivindica a fala do outro como sua (cf. LIMA, 2002), com vista à negação da legitimidade da voz alheia, provocando reflexão e propondo mudanças radicais, o pastiche “[...] incorpora a tradição e o passado de maneira onde a confiabilidade seria a tônica, respaldada pelo pluralismo” (SANTIAGO, 1989, p. 85). Resumindo o comparando, Santiago (1989, p. 119) afirma: “Na estética do pastiche não há ruptura, há muito mais uma reverência”.

10 Experiências jornalísticas de ficcionalização sobre o real já renderam, ao longo do século XX, uma série de denúncias e punições a profissionais de comunicação, como as diversas contendas éticas no que diz respeito ao chamado Jornalismo Literário. Tiengo (2007), fundamentado em Vicchiati (2005), exemplifica com os conhecidos casos de Janet Cooke, Michael Daly, Gloria Ohland, Christopher Jones e Gail Sheehy, repórteres cuja prática, ancorada nas experiências do Novo Jornalismo, foram denunciados porque inseriram fatos e personagens fictícios em textos jornalísticos.

À guisa de conclusão, observa-se que a paródia realizada por *piauí* sobre as reportagens de turismo usuais orienta-se pelos seguintes modos de explicitação da voz parodística: uso de adjetivos utilizados pejorativamente em relação ao suposto referente empírico; inserção de fontes caracterizadas de modo explicitamente depreciativo; texto humorístico, eliminando-se o tom sério do gênero jornalístico de referência; ambivalência, pois mantém o conteúdo temático e a estrutura composicional dos textos parodiados, variando apenas em termos de estilo; questionamento lúdico das normas jornalísticas; ficcionalização. Todos esses mecanismos conduzem à associação da prática parodística de *piauí* aos procedimentos do chamado Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário, com significativas alterações<sup>11</sup>, evidentemente, uma vez que a historicidade é fator inerente a qualquer ato enunciativo.

Com este trabalho, espera-se ter explicitado a pertinência das contribuições de Mikhail Bakhtin para o estudo e a problematização dos gêneros jornalísticos e das textualidades comunicacionais contemporâneas, bem como da Análise do Discurso francesa, que, infelizmente, “no campo das teorias do jornalismo [...] tem sido vista mais como ferramenta metodológica destas do que como caminho para uma teoria crítica do jornalismo [...]” (STEINBERGER, 2005, p. 66). Ao enfrentar as complexas relações entre discurso, sociedade e história em franco diálogo com Bakhtin, a Análise do Discurso francesa constitui-se importante teoria, provida de comprovado instrumental metodológico para a leitura crítica dos materiais jornalísticos contemporâneos, uma vez que estuda o texto em perspectiva contextualizada, assumindo o desafio das também complexas relações entre comunicadores e intérpretes, instâncias comprometidas com “atitudes responsivas ativas”. (BAKHTIN, 2003; FIORIN, 2009)

---

***Piauí magazine: parody as a proposal for the reinterpretation of the journalistic reporting genre***

***Abstract***

*This text addresses the reporting genre as practiced by the Brazilian printed piauí magazine. The reading proposed here is guided by the assumption that the aforementioned magazine reinterprets the subgenre of tourism reporting, especially by resorting to parody, understood according to the proposal from Mikhail Bakhtin, whose*

---

11 Edvaldo Pereira Lima, estudioso das relações entre jornalismo e literatura, destaca a preservação e, ao mesmo tempo, a modificação, no jornalismo contemporâneo, de algumas técnicas aplicadas durante as décadas de 1960 e 1970 pelo Novo Jornalismo, sublinhando: “É possível verificar que o atual jornalismo literário transmutou o legado do *New Journalism* e o aproveitou, parcialmente” (LIMA, 1995, p. 158).

*work also takes the notion of gender, marked by instability, in order to discuss the effort in the existing legal categorizations that prevail in the theoretical environment of journalism. Therefore, it is argued that the publication dialogues directly with the established rules of genre, but stands as the antithesis of discursive conventions, which characterizes the Bakhtinian parody. Thus, it is considered that the design of reinterpretation of tourism reporting, piauí magazine also provides fruitful dialogues with the proposals of the New Journalism.*

**Key words:** Printed journalism. Reporting. Parody. Piauí magazine. Bakhtin.

---

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1987.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre, RS: Sulina, 1976.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Teoria literária em suas fontes*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. v. 1.

FERNANDES, Rodolfo Tiengo. A narrativa de não-ficção na revista *Piauí*. 2007. Monografia (Conclusão de curso de graduação em Jornalismo) – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (Unifae), São João da Boa Vista/SP, São Paulo, 2007. Disponibilizado pela publicação eletrônica *Revista Pf: jornalismo brasileiro*, seção Publicação Acadêmica de Estudos em Jornalismo e Comunicação, n. 9, ano V, dez. 2007. Disponível em: [www.eca.usp.br/pjbr/.../monografias9\\_a.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/.../monografias9_a.htm). Acesso em: 28 jan. 2009.

FIORIN, José Luiz. *A obra de Mikhail Bakhtin: conceitos-chave*. Curso ministrado entre 13 e 17 de abril de 2009, sob organização do NUPED-UFBA.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de Pessoa, Espaço e Tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINTZ, André Góes; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. *Piauí: em busca do leitor perdido*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30. Santos, 29 ago./2 de set. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers>. Acesso em: 24 out. 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *A análise pragmática da narrativa jornalística*. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br>, acesso em 20 de julho de 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, SP: Fontes, 2002.

PHAIC TAN: um assalto aos sentidos. *Piauí*, ano 1, n. 7, p. 40-43, abr. 2007.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no Modernismo. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005. v. 1: Por que as notícias são como são.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix; Edusp, 1980.